

“Um lugar de movimento”: a trajetória histórica das apropriações dos espaços da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte (MG)

“A place of movement”: the historical trajectory of the appropriation of spaces at Galeria do Ouvidor in Belo Horizonte (MG)

José Vitor Palhares

Doutorando e mestre em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Membro do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS)
Rua Maestro George Marinuzzi, n 281, apt. 303. Bairro Manacás. CEP 30840-620. Belo Horizonte, MG.
titopalhares@hotmail.com

Gabriel Farias Alves Correia

Mestrando e Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Membro do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS)
Rua Bonfim, 1600A. Bairro Bom Jesus. CEP 35720-000. Matozinhos, MG.
correia_ga@gmail.com

Alexandre de Pádua Carrieri

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Professor titular na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Rua Newton, 275. Bairro Santa Lúcia. CEP 30360-200. Belo Horizonte, MG.
aguiar.paduacarrieri@terra.com.br

Resumo

Estudos que englobam a temática da apropriação dos espaços de passagens e das galerias comerciais de cidades brasileiras têm sido pouco explorados nos Estudos Organizacionais. Devido à importância da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte e a necessidade de evidenciar as histórias desses espaços de passagens, o objetivo desta pesquisa foi compreender a trajetória histórica das apropriações da Galeria do Ouvidor pelos comerciantes que a ocupam. Por meio de observações sistemáticas e da Análise Linguística do Discurso de narrativas de história oral temáticas, buscamos demonstrar as diversas maneiras que, historicamente, o espaço da galeria fora apropriado pelos ouvidorenses. Os resultados da pesquisa evidenciaram que as relações sociais e simbólicas estabelecidas na galeria desde a sua construção até os dias atuais são caracterizadas pela dinamicidade. Aos poucos, os ouvidorenses acabam por (re)construir e (re)apropriar os espaços da galeria, distantes de serem considerados como simples passagens. Assim, este estudo oportunizou compreendermos diversas apropriações de um espaço marcado pela história, incrustado de memória urbana, e que ainda hoje é considerado um lugar turístico e referência na capital mineira.

Palavras-chave: Cidades. Espaços. Galeria do Ouvidor.

Abstract

Studies that involve the theme of appropriation of the spaces of passageway and commercial galleries of Brazilian cities have been few explored in Organizational Studies. Due to importance of the *Galeria do Ouvidor* in Belo Horizonte and the need to evidence the histories of these spaces of arcades, the purpose of this research was to understand the historical trajectory of the appropriations of the *Galeria do Ouvidor* by traders that occupy it. Through of systematic observations and Linguistic Discourse Analysis of narratives of thematic oral history, we seek to demonstrate the several ways that, historically, the gallery space was

appropriated by ouvidorenses. The results of research showed that the social and symbolic relations established in the gallery since its construction to the present day are characterized by dynamism. Slowly, the ouvidorenses (re)construct and (re)appropriate the spaces of the gallery, far from being considered as simple arcades. Thus, this study assisted in understanding the various appropriations of a space marked by history, inlaid of urban memory, and that today is still considered a tourist place and reference in Belo Horizonte.

Key-words: Cities. Spaces. Galeria do Ouvidor.

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é compreender a trajetória histórica da apropriações dos espaços da Galeria do Ouvidor, em Belo Horizonte, pelos comerciantes que a ocupam. Assumimos nesta pesquisa que o espaço, bem como sua organização, ordenação e reorganização é um produto social. Assim, afirmamos que ele emerge de um conjunto de práticas sociais e com as quais mantém estreitas relações de continuidade e descontinuidade (COIMBRA; SARAIVA, 2013). O espaço ainda é aqui entendido sob a perspectiva de Augé (1994) e considerado aquele em que é composto por diversas ações e práticas descontínuas dos sujeitos cotidianos.

No início do século XXI, a cidade de Belo Horizonte, mais especificamente o seu “hipercentro”, foi inteiramente reformado pela Prefeitura (JAYME; NEVES, 2010). Adotou-se um código de postura que acionou o deslocamento de ambulantes, antes presentes no espaço público, para *shoppings* populares, no espaço privado, causando uma alteração na dinâmica de circulação no centro da cidade. Jayme e Neves (2010) ainda destacam que a definição dos espaços na cidade foi elaborada de acordo com a tradicional ocupação das áreas pelos ambulantes que ocorreu na inauguração da cidade e foi consolidada na década de 1960. Esse conflito é comum desde a Paris do século XIX e se envolve nos aspectos organizativos, econômicos e políticos da vida (BENJAMIN, 2006). Um local que é possível destacar na dinâmica de Belo Horizonte, que sobreviveu e se reinventou mesmo com as diversas alterações ocorridas no centro da cidade é a Galeria do Ouvidor. Espaço institucional de agrupamentos de negócios da capital mineira, a galeria surgiu no mês de março de 1964 e passou por diversas alterações em sua dinâmica, tendo ao longo das décadas assumido diversos significados para os frequentadores e lojistas. Além disso, destacam-se as múltiplas alterações nas mercadorias ofertadas, sendo em um primeiro momento voltadas a servir a classe alta e média de Belo Horizonte e que hoje concentra insumos para artesanatos e produtos para bijuterias, podendo ser compreendida como um espelho da capital mineira (SANTOS et al., 2016).

Para lidarmos com a caracterização da Galeria do Ouvidor, nos atemos sobre as considerações históricas e as memórias dos sujeitos sobre o espaço. Buscamos assim embasamento em uma perspectiva histórica de acordo com Barros e Carrieri (2015) por nos permitir refletir sobre as intermitências e descontinuidades, fugindo de uma perspectiva homogênea para compreender as variedades de possibilidades do fazer social. Esse compromisso com a prática de lembrar na/da cidade é responsável pela criação de espaços, que dotados de significados se tornam lugares, bem como suas diversas alterações ao longo do tempo. É isso que faz sua história. Nesse sentido, posicionamos a discussão sobre cidades à luz de Nogueira (1998), indicando que as contribuições caminham em conjunto com percepções pessoais e particulares, o que reafirma nosso compromisso em negar a existência da neutralidade nas pesquisas acadêmicas (REY, 2005). Isso permite considerar o olhar de nós pesquisadores, bem como nossos sonhos, expectativas, ilusões, frustrações e desilusões frente à cidade que se apresenta como objeto de estudo.

Vale ressaltar que a história das galerias enquanto espaços sociais-históricos é um fato que evidencia a urbanização e metropolização das principais cidades do país (ALEIXO, 2005). Contudo, a história do comércio e serviços varejistas sempre está ligada a fatos isolados e à “*Um lugar de movimento*”: a trajetória histórica das apropriações dos espaços da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte (MG)

memória de alguns, e muitas vezes é menosprezada. Nesse sentido, Aleixo (2005) denuncia a falta de discussão sobre os espaços públicos, sobre as arquiteturas dos espaços comerciais, principalmente sobre os espaços comerciais varejistas. Na cidade de Belo Horizonte, assim como em outras capitais do país, tais como Porto Alegre (MARQUES, 1985), há a presença desses espaços que interferem na construção das significações culturais, mas que, no caso de Belo Horizonte, ainda havia sido pouco explorada por parte da Administração e pela área dos Estudos Organizacionais (SANTOS et al., 2016).

Assim, levamos em consideração que a cidade não pode ser vista como um todo harmônico, mas como uma organização repleta de fraturas nascidas nas próprias contradições sociais (BENJAMIN, 2006). A cidade é fragmentada, possibilitando o estudo de seus espaços e personagens. Estudá-la nos Estudos Organizacionais possibilita ampliarmos as reflexões acerca dos diversos conflitos, incongruências, disputas, significações etc. que se apresentam no cotidiano, além de evidenciar seu aspecto vivo e habitado que só é possível pela movimentação dos sujeitos nos espaços. Desse modo, destacamos a necessidade de enfatizar as histórias desses espaços de passagens que ainda são objetos de investigação pouco explorados na área.

Para tanto, realizamos uma pesquisa que se caracteriza como qualitativa de caráter descritivo, utilizamos como procedimento técnico o estudo de multicasos. Entrevistamos sessenta lojistas que trabalham atualmente no espaço, utilizando o método de história oral temática sobre questões espaciais, além de combinarmos com observações sistemáticas nas organizações da Ouvidor. Baseamo-nos em Joaquim e Carrieri (2018) para justificar o uso da perspectiva histórica renovada, permitindo colocar em evidência relatos orais frente às fontes documentais e às chamadas histórias oficiais. Por fim, optamos pela Análise Linguística do Discurso (ALD) para realização das análises dos dados, tendo em vista que ela permite, de acordo com Souza e Carrieri (2014), interconectar aspectos linguísticos e extralinguísticos do discurso.

Este artigo está estruturado em seis capítulos, incluindo esta introdução. As seções seguintes, 2 e 3, dizem respeito à teorização que sustenta a pesquisa, ou seja, sobre cidades, passagens e a abordagem histórica e sobre espaço, lugar e território, respectivamente. Em sequência, descrevemos os percursos metodológicos que trilhamos na pesquisa. No quinto capítulo, expomos os resultados e discussões em uma seção que interconecta as passagens parisienses e as apropriações da Galeria do Ouvidor. Por fim, tecemos as considerações finais acerca do estudo e as contribuições deste trabalho.

2 As cidades, as passagens e a abordagem histórica

A discussão sobre cidades se situa, para Nogueira (1998), sob um prisma pessoal e particular. Isso significa que para falar desta temática, é preciso refletir sobre nós mesmos, incluindo sonhos, expectativas, ilusões, frustrações, desilusões. Buscar, então, compreender a formação, a mudança e a apropriação de diferentes espaços da cidade requer o reconhecimento de uma ambiguidade que perpassa a própria experiência sobre eles, além de nós mesmos. Partimos do reconhecimento, assim como Nogueira (1998), de uma cidade planejada e improvisada, inventada e reinventada, construída e reconstruída, exposta e silenciada, e desta forma, possibilita-nos ampliar a compreensão do fenômeno urbano e de suas várias histórias. Devemos levar em consideração que a cidade não pode ser vista como um todo harmônico, mas como uma organização repleta de fraturas nascidas nas próprias contradições sociais (BENJAMIN, 2006). A cidade é fragmentada, podendo-se estudar seus espaços e seus personagens.

A cidade também pode ser compreendida como sendo mais do que sua delimitação física e caracterizando-a como a sua população, o seu povo (SARAIVA; CARRIERI, 2012). Isso se torna importante para compreender que todas as mutações em um determinado espaço não

ocorrem de forma “natural”, mas possuem influência das vivências dos frequentadores. É desta maneira que espaços das cidades se tornam dinâmicos e passam a ser considerados lugares. Honorato e Saraiva (2016) ressalta que estudar o tema de cidades nos Estudos Organizacionais possibilita considerá-la como plataforma de interações e conflitos, habitada e vivida, e por isso oportuniza o estudo da criação e estabelecimento de organizações que lidam ao mesmo tempo com sua própria multiplicidade e o movimento das cidades.

Nos Estudos Organizacionais, a discussão sobre cidades encontra respaldo em autores como Mac-Allister (2004) e Mac-Allister (2019), sendo tratada como organização social e como localização desta organização. Saraiva (2019) complementa enfatizando que a cidade é vivenciada de diferentes formas a partir do pertencimento das pessoas aos diferentes grupos urbanos. Ela, então, está em uma interseção de elementos e de experiências que tem sido explorada na área a partir de três eixos temáticos: 1) de territorialidade; 2) de simbolismos, sociabilidades e culturas e; 3) de segregação urbana e desigualdade social. O autor ainda aponta que a produção nos Estudos Organizacionais atualmente caminha para promissores rearranjos teóricos, avançando no terreno que trata a cidade enquanto uma organização.

Venturini (2009) considera as identidades de valor insignificante nas cidades, como os *shopping centers* com valores pautados pelo consumo, colocando em evidência lugares urbanos significativos. Com isso, torna-se pertinente considerar não somente a forma com que um espaço é ocupado, mas também como nele se vive, suas mudanças vinculadas ao tempo, suas histórias e suas composições. Nesse sentido as cidades, bem como suas ruas e equipamentos, são espaços que possibilitam sociabilidades e experiências de tal maneira que se possa refletir e experienciar sensações e práticas sociais partilhadas (IPIRANGA 2009; IPIRANGA, 2016). É a noção de cidade fluida, movimentada e habitada que permite compreender as vivências e não somente uma busca por uma constituição estática de cidade, garantindo um olhar organizacional para as diversas composições existentes (HONORATO; SARAIVA, 2016; HONORATO, SARAIVA, 2017).

Ao considerar a paisagem urbana e seus produtos propiciados pelo que chamou de “megamáquina moderna”, Limena (2001, p. 38) afirma que aquilo que realmente deveria ser evidente é colocado em segundo plano pelos *shoppings centers*, prédios, aeroportos, arranha-céus e outros elementos da paisagem contemporânea. Assim, cada vez mais se destacam produtos do conhecimento técnico e do avanço científico sofisticado, uma paisagem construída e ilusória que abafa uma discussão sobre suas origens. Nesse sentido, localiza-se as passagens (galerias) e suas arquiteturas, sendo alguns prédios que reservam seu andar térreo para a travessia das pessoas de uma rua paralela à outra. Ao pensar as passagens parisienses, Benjamin (2006, p.79) bem relatou: “era demasiado apertado andar sobre as calçadas estreitas e, por isso, se flanava, sobretudo, nas passagens, que ofereciam abrigo do mau tempo e do trânsito” (BENJAMIN, 2006, p. 79). Assim, o espaço público (a rua) é coberto, protegendo os passantes que atravessam um quarteirão e que objetivam chegar a uma rua paralela. Nessa “facilitação da circulação” no espaço urbano, agora completamente dentro do espaço privado, existem lojas (*magasins*) que comercializam diversos produtos e serviços. Buck-Morss (2002) ainda diz que as galerias, como uma nova descoberta do luxo industrial, foram caracterizadas por corredores cobertos de vidro, calçados em mármore ao longo de blocos inteiros de edifícios que recebiam sua luz de cima, no qual estavam as mais elegantes lojas de mercadorias.

No Brasil, a partir de 1940, as grandes cidades brasileiras começaram a mudar e sofrer uma reconstrução de seus espaços (LOPES, 2002). Nesse sentido, para Lopes (2002, p. 14), é depois dos anos quarenta que se estabelece o “ar de metrópole” em Belo Horizonte, pois a população da cidade dobra e há uma valorização e modernização arquitetônica do centro da capital, com seus altos prédios. Em muitos desses edifícios, principalmente aqueles que ocupavam as esquinas, foram construídos vãos que serviriam de passagens para pedestres. Nesses espaços protegidos se localizavam, no andar térreo, no mezanino, lojas e comércios.

Espaços de passagem e de compras que foram denominados galerias que geraram um novo modo de circulação entre as ruas e entre as vitrines da capital.

Rouanet (1992) afirma que as passagens podem ser compreendidas como abreviações que contêm o todo e representam uma das principais invenções da modernidade. No caso das passagens parisienses, elas permitiam desfrutar de um espaço reservado sem fugir ao contexto da cidade e condensariam, para Benjamin (2006), a própria cidade. É possível pensar da mesma forma no contexto brasileiro, sendo que o espaço da rua, as lojas e suas vitrines permitiriam ao cidadão estar ao mesmo tempo fora e dentro da cidade, exposto e protegido, como no ambiente doméstico.

Limena (2001) enfatiza a necessidade de pensar a cidade como sistema aberto, permeada de possibilidades e intermitências, fugindo de um projeto de um espaço planejado e produzido de forma finita. Isso significa que os vários processos de desenvolvimento na cidade podem perceber elementos intangíveis, aspectos e lugares simbólicos que permitem aprofundar as considerações sobre ela e seus lugares imagináveis. A autora acentua que esse movimento busca dedicar à compreensão dos vários acontecimentos da cidade, considerando que “quando nos debruçamos sobre a reserva de memória coletiva, povoada por discontinuidades, desejos, sonhos, abrimos caminho para alimentá-la quanto às perspectivas para o tempo que está por vir” (LIMENA, 2001, p. 43).

Os acontecimentos nas cidades, passados, só podem ser caracterizados como reais por meio da experiência da memória, do senso comum e da evidência material que ocorrem no espaço, de acordo com Ethington (2007). Isso significa para o autor considerar a existência de um passado que não ocorreu no tempo, mas no espaço já que a representação de histórias passadas representam lugares da ação humana. As experiências e as memórias só são reais por se situarem em lugares (ETHINGTON, 2007), fato contraposto por Carr (2007) ao considerar que apesar de toda ação humana ser realizada em um lugar, o fato de apenas estar em um lugar não faz que ela seja uma ação pelo fato de que diversas coisas podem ser apontadas sem que signifiquem ações. Esse apontamento realizado por Carr (2007) registra o cuidado que se deve ter na compreensão dos diversos significados assumidos e atribuídos aos lugares quando se tem como base a perspectiva histórica. Barros e Carrieri (2015) afirmam que a análise histórica na Administração permite construir novas formas de pensar a área que foge de concepções homogêneas e totalizantes. Assim, saberes locais, bem como suas diversas discontinuidades e adaptações, se apresentam como forma de compreender as intermitências existentes na história, e desta forma, contrapõem narrativas dominantes por meio de abordagens alternativas. (COSTA; BARROS; MARTINS, 2010; BARROS; CARRIERI, 2015).

O estudo do passado, tempo e história para Ethington (2007) é compreendido de tal maneira que todo passado é um lugar, sendo o último necessário para se pensar qualquer fenômeno. Todas as ações e experiências requerem um lugar, cabendo ao tempo construir o lugar. Bender (2007) já considera o caráter múltiplo da construção histórica do espaço, afirmando que o tempo e o espaço fazem parte de uma constituição mútua que possibilita conectar tempo e lugar. Dessa forma, a construção histórica do tempo e do lugar buscariam a construção de ambos, fugindo de uma concepção causal para ressaltar uma conexão dialógica.

Para compreender a multiplicidade de acontecimentos que envolvem a história de espaços nas cidades, Joaquim e Carrieri (2018) também sugerem aprimorar o olhar para a percepção não apenas das organizações formais, mas dos cotidianos que envolvem os eventos históricos. Nesse sentido, os autores chamam atenção para a gama de possibilidades das organizações e dos fenômenos sociais fugindo de uma perspectiva positivista que busca leis universais e regularidades. Isso permite a busca por desvincular da gestão o caráter a-histórico, caminhando pelo reconhecimento da diversidade de práticas possíveis, além da transformação de espaços à lugares repletos de referências e significados.

3 Espaço, lugar e território

Guerra (2002) enfatiza a importância de compreender os conceitos de “espaço”, “lugar” e “território”. O espaço é tratado como uma categoria abstrata, considerado uma “área qualquer”. Para Lefebvre (1974), o espaço é tratado como aquele produzido pelas relações sociais, sendo da mesma maneira meio de produção e de controle, ferramenta de pensamentos e ações. É nesse espaço que se representaria o cotidiano como objeto prático, além de forma de mediação entre aquilo que é tanto particular quanto universal (LEVIGARD; BARBOSA, 2010). De Certeau (1994) evidencia no uso cotidiano dos espaços (físico e simbólico) o pertencimento de cada grupo social e as transformações nas significações culturais e identitárias existentes na sociedade, assim como em qualquer organização, pois cada grupo transformaria em “seu” o espaço coletivo, através de bricolagens para o seu uso cotidiano. Além disso, o espaço é uma espécie de intercepção de vários lugares, que podem ao mesmo tempo ser alterado permanentemente pelas ações dos sujeitos. O espaço, então, seria condicionado por essas ações, práticas cotidianas dos sujeitos ordinários (AUGÉ, 1994).

Ao buscar destacar as narrativas nos espaços sociais de sujeitos histórico-sociais, deve-se aperfeiçoar o olhar para perceber as transformações possíveis de espaços para lugares, além de lugares para espaços. São nas relações que ocorrem entre espaço e sociedade que estas transformações são possíveis, sendo configuradas não somente entre os sujeitos, mas nas significações culturais e identitárias realizadas pelos indivíduos e grupos em seus cotidianos (LEVIGARD; BARBOSA, 2010; DE CERTEAU, 1994). Lynch (1960) afirma que as construções espaciais por nós realizadas são reutilizadas nos espaços de uma cidade por meio das práticas sociais e, assim, as espacialidades dão significado ao uso político, econômico e histórico-social dos espaços. Desse modo, a espacialidade está conectada às interpretações que fazemos na reutilização dos espaços, sejam eles de caráter privado ou público. O que o autor chama atenção é a inexistência de uma compreensão uniforme da elaboração da espacialidade como básico relato das formas, mas uma busca por conhecer as práticas sociais que estão intermediadas com processos de fabricação, consumo das relações sociais na ocupação e trânsito pelos espaços urbanos.

Autores como Coimbra e Saraiva (2013), além de Mendes e Cavedon (2015) acreditam que ambiente e indivíduo estão relacionados de tal forma que características de um ambiente podem incidir na composição individual e coletiva. O espaço é lugar que as disputas ocorrem de vários tipos e maneiras, bem como as disputas para impor ou defender interesses por meio de estratégias. Com isso, o espaço não pode ser considerado neutro, tendo em vista que está permeado por confrontos ideológicos, está ocupado e ordenado por uma forma predominante de pensamento.

Já o lugar remete a um local definido, particular, específico, portador de determinadas referências ou significados para alguém, um determinado ator ou grupo social (GUERRA, 2002). Augé (1994) ainda diferencia espaço e lugares, tendo em vista que estes últimos compõem o primeiro, sendo possível existir vários lugares em um mesmo espaço, tendo em vista a possibilidade de funções e significados variados que é possível atribuir. Ademais, o lugar pode ser considerado uma fração do espaço, produto reproduzido nas relações que ocorrem entre espaço, sociedade, indivíduo e os grupos.

Relacionado à espaço e lugar, está também o conceito de território. Guerra (2002) afirma que o território denota uma relação de posse; é onde se tem alguém que apropria de um determinado espaço. Corrêa (1996) complementa que o território se coaduna com a apropriação de significações que podem ser culturais ou identitárias de grupos e certa relação afetiva com o espaço. O território, desta maneira, é “o espaço revestido da dimensão política, afetiva ou ambas” (CORRÊA, 1996, p. 252). Com isso, o território pode ser relacionado ao senso de reconhecimento, uma ligação afetiva envolta por aspectos simbólicos constituintes de significados.

“Um lugar de movimento”: a trajetória histórica das apropriações dos espaços da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte (MG)

De acordo com Andrade (1996), o conceito de território se diferencia da ideia de espaço, pois o conceito está ligado à existência de relações de poder, de influência. A territorialidade seria o processo subjetivo pelo qual o indivíduo ou população toma consciência de fazer parte de um território, integrando-se a ele. Todavia, os territórios são categorias temporárias, em constante transformação. Eles coexistem entre si numa dinâmica de expansão, desapropriação e superposição. Assim, há movimentos de territorialização quando um território se expande e se apropria de outros espaços. Dialeticamente, há a desterritorialização por parte daqueles que ocupavam os espaços que foram apropriados. Além disso, há territórios que se superpõem a outros, o que pode causar conflitos e complementações (ANDRADE, 1996).

Ao fazer a diferenciação de espaço, lugar e território, Guerra (2002) explicita que o *locus* em que se instalam determinadas organizações não podem ser consideradas como simples “espaços”, mas um “lugar”, uma vez que eles são permeados por significações subjetivas oriundas dos diversos atores sociais e organizacionais que buscam, dessa forma, se relacionar de forma material ou simbólica com ele. Além disso, o “lugar” poderia se transformar em um “território”, pois nesse caso remeteria a um conjunto de símbolos e referências para determinados públicos e atores que dele se apropriam e dele se utilizam, mesmo que temporariamente.

Ao estudarmos o espaço e sua relação com a sociedade, devemos considerar sua forma, função e sua interação com a questão temporal (ALBANO et al., 1984), ou seja, com as possíveis transformações que nele podem ocorrer ao longo de sua história. Assim, para os autores, a construção social de um determinado espaço está relacionada com a ordem simbólica, com a ligação entre símbolo e signo que é edificada socialmente, fruto da memória e interpretação coletiva de um dado espaço.

Para Santos (1987), o espaço é formado por um sistema indissociável de objetos e ações. Em cada momento da história, há uma relação distinta entre o valor da ação e o valor do lugar no qual ela se realiza. O autor afirma que, devido às mudanças sociais e tecnológicas, “o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes” (SANTOS, 1987, p. 51). A partir de uma análise do espaço atual, pode-se notar as relações existentes entre os lugares. Elas seriam respostas ao processo produtivo, em um sentido largo, que inclui desde a produção de mercadorias à produção simbólica (SANTOS, 1987).

Nesse sentido, Geiger (1996) afirma que a cidade se caracteriza pela centralidade de funções administrativas, que corresponde a um determinado território no qual ela está inserida. Assim, a cidade seria uma realidade abstrata. Ela não pode ser materialmente vista, pois o que existe é a aglomeração de construções e a rede viária. A noção de cidade, na verdade, deriva das centralidades que ela realiza sobre um determinado espaço, que passa a ser um território ou vários superpostos. No espaço urbano, então, surge uma sociedade urbana que é explicitada não em termos de modo de produção, mas no enfraquecimento dos poderes centralizados, na ascensão dos poderes locais e nos sentimentos de territorialidade, de pertencimento a determinados espaços urbanos.

As categorias do espaço, ou seja, lugar e território, podem ser analisadas sob uma ótica que permita compreender a grande dinamicidade que ocorre na ocupação de cidades como Belo Horizonte. Nesse sentido, a categoria de lugar analisada por meio da história da Galeria do Ouvidor pode ser pensada por meio dos diversos significados que possui ao longo do tempo, destacado por meio da análise histórica. A interação com a metrópole produz fenômenos que podem, a partir da categoria de lugar, compreender as diversas transformações em um mesmo espaço ao longo dos anos.

4 Caminhos percorridos

A fim de compreendermos as apropriações dos espaços da Galeria do Ouvidor, em Belo Horizonte, pelos comerciantes que a ocupam, trilhamos os caminhos de um estudo qualitativo, de caráter descritivo (GIL, 2010). Segundo Goldenberg (2002), a abordagem qualitativa possibilita uma compreensão mais aprofundada do que pretendemos pesquisar e, para Chizzotti (2004), tal perspectiva viabiliza investigar o fenômeno, ao levar em consideração o contexto e as dinâmicas de relações estabelecidas. No que tange aos procedimentos técnicos, adotamos o estudo de multicasos, que se refere à investigação de dois ou mais sujeitos (ou objetos) de pesquisa e a interação entre eles (TRIVIÑOS, 1987).

Na fase de coleta de dados, adotamos a combinação de observações sistemáticas nas organizações da Galeria do Ouvidor e entrevistas semi-estruturadas de história oral temática com sujeitos trabalhadores sobre questões espaciais. Para Denzin e Lincoln (2006), as pesquisas qualitativas admitem a liberdade do pesquisador em escolher e combinar métodos mais convenientes que auxiliem na consecução dos objetivos propostos, sendo essa combinação caracterizada, então, como um “bricoleur” (DE CERTEAU, 1994). Vale destacarmos aqui que, segundo Meihy (1996), as narrativas temáticas fazem parte de uma das técnicas da história oral, além da tradição oral e do método biográfico (histórias de vida). Ferreira (2010) corrobora ao afirmar que a abordagem histórica nos Estudos Organizacionais deve estar comprometida com princípios de uma nova historiografia. Com isso, buscar fontes historiográficas compatíveis aos parâmetros epistemológicos subjetivistas permite que se ultrapasse as fontes documentais e as ditas histórias oficiais para melhor compreensão do passado. Joaquim e Carrieri (2018) ainda complementam que ao colocar em evidência as fontes orais, valoriza-se ao mesmo tempo as narrativas e faz com que os eventos se tornam secundários frente aos significados, tendo em vista que a subjetividade daquele que expõe está intrínseca nesse processo.

Além disso, as observações sistemáticas geraram notas de campo das quais imputamos, além de eventos e discursos específicos, as nossas próprias reflexões sobre as relações sociais e simbólicas estabelecidas no cotidiano da galeria, enquanto que as entrevistas temáticas nos permitiram aprofundar na apropriação dos espaços da Ouvidor pelos sujeitos trabalhadores.

A operacionalização da investigação se deu por meio de um processo amostral não probabilístico por conveniência, na medida em que os ouvidorenses aceitaram participar da pesquisa. Para a seleção dos entrevistados, adotamos o método da “bola de neve” (*snowball sampling*), que consiste na indicação pelos sujeitos já entrevistados de outros atores que compartilham características semelhantes no processo de investigação (GIL, 2010). Além disso, para a delimitação do número de entrevistas utilizamos o princípio de saturação proposto por Pires (2008), isto é, colhemos informações até o momento em que a interação entre o pesquisador e o campo de pesquisa já não mais fornecia novos elementos para embasar a teorização do estudo. Assim, entrevistamos sessenta lojistas dentre as trezentos e dezoito organizações inseridas no espaço da Galeria do Ouvidor.

Por fim, não obstante da apuração das notas de campo das observações sistemáticas sobre as relações sociais e simbólicas estabelecidas no cotidiano do espaço da galeria, o *corpus* analisado incluiu também a transcrição das narrativas de história oral temáticas sobre a apropriação dos espaços da Ouvidor pelos trabalhadores, as quais foram analisadas por meio da técnica da Análise Linguística do Discurso (SOUZA; CARRIERI, 2010). Para Mainueneau (2000, p.13), a análise do discurso é “a disciplina que, em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu ‘contexto’, visa articular sua enunciação sobre um certo lugar social”. Souza e Carrieri (2014) complementam que a utilização da pesquisa qualitativa em conjunto com a Análise Linguística do Discurso (ALD) possibilita uma melhor compreensão no que tange a realidade social e os possíveis conflitos. Essa técnica permite, assim como descrito por Brandão (2002), interconectar fatores sócio-históricos à fatores linguísticos.

A partir disso, as etapas da análise do discurso foram elaboradas com base nas contribuições de Saraiva (2009), também utilizado por Honorato e Saraiva (2017) e que permitem que estratégias dos discursos de persuasão ideológicas sejam analisadas. O roteiro utilizado aponta para pontos principais tanto de identificação quanto de análise, permitindo a verificação nas falas dos entrevistados de elementos que nos direcionassem para a compreensão histórica das diversas apropriações da galeria ao longo do tempo, sendo eles: a) condições sociais de produção dos discursos; b) aspectos lexicais que apontam personagens, implícitos, explícitos e silenciados; c) temas e figuras explícitos ou implícitos; d) percursos semânticos estruturados a partir dos temas e figuras; e) aspectos interdiscursivos; f) aspectos refletidos e refratados. Assim, percebemos que uma das principais vantagens da utilização dessa técnica é a possibilidade de interpretação não apenas do que é dito, explicitado, mas sobretudo, trabalhar o que está por detrás das falas, entendendo o que os atores realmente querem dizer e que não é necessariamente explicitado.

5 Do passado ao presente: as apropriações da Galeria do Ouvidor de Belo Horizonte

De acordo com os entrevistados, a Galeria possivelmente representa um pouco da cidade, pois há de tudo lá: ouro, prata, comida, beleza, entretenimento, vestuário, sexo, trabalho, circulação de mercadorias, de trabalhadores enquanto mercadorias, consumidores, etc. Para Benjamin (2006), as galerias, nomeadas pelo autor de passagens, eram lugares de ferro e vidro e, no contexto da Ouvidor, a galeria cumpre seu papel modernizador e aglutinador por meio da mistura do aço da escada rolante e o vidro das vitrines, assim como colocou Buck-Morss (2002). Dessa forma, os entrevistados destacam como o local fora importante para a cidade de Belo Horizonte:

(01) Já nos seus primeiros anos, a Galeria do Ouvidor **marcou época**. Nos anos sessenta, foi o **primeiro lugar** em Belo Horizonte a instalar uma **escada rolante, novidade** capaz de causar uma **admiração** quase infante-juvenil. Formavam-se romarias, principalmente de pessoas de cidades do interior, só para vê-la. Para muitos, andar de escada rolante virou um programa (E25).

(02) Inclusive muita gente do interior vinha na Galeria Ouvidor para conhecer **escada rolante**, era um **sucesso** (E02).

(03) Eu já trabalhava na [rua] Rio de Janeiro e passei para cá porque aqui era **novidade**. Estava começando um centro comercial que entrava numa rua e saía na outra, coisa que não existia. A **escada rolante** que também não tinha, era novidade, então estava se implementando **coisas novas** em Belo Horizonte e estava crescendo (E10).

Nos trechos 01, 02 e 03 podemos evidenciar os lexemas “novidade”, “admiração”, “sucesso” e “lotado” como adjetivos referentes à Galeria do Ouvidor, que aparece como personagem nas falas dos entrevistados. Além, são utilizadas as expressões “marcou época”, “primeiro lugar”, “não existia” e “coisas novas” para destacar a importância do local para a cidade de Belo Horizonte, que também aparece como personagem nos fragmentos. Tal centralidade na cultura da cidade ocorreu com uma combinação entre o novo e o sucesso econômico e social traduzidos conjuntamente na figura da “escada rolante”. Nesse sentido, Benjamin (2006), descrevendo as passagens parisienses, mostra que ferro e vidro eram a base técnico-científica de suas construções arquitetônicas. O ferro referenciava o mundo antigo, enquanto que o vidro, presente nas abóbodas, nas lâmpadas, nas vitrines e nos espelhos, prenunciava o novo. Desse modo, passado e futuro se encontravam nos trechos para além do tempo verbal dos fragmentos. Na Galeria do Ouvidor, o concreto e o vidro representavam o antigo, e o aço (das escadas rolantes) representavam o novo, da mesma forma que descrito por

Benjamin (2006). Assim, o novo aglutinou pessoas, que frequentavam à Ouvidor para olhar as vitrines e o seu ambiente, predispondo o consumo. A novidade, nesse caso as escadas rolantes, retrata uma possibilidade técnico-científica da época, servia de catalisador desse aglutinamento e dessa nova possibilidade de consumo.

(04) No começo, **o shopping de Belo Horizonte era a Galeria**, era um sucesso (E30).

(05) A galeria foi **o primeiro shopping center** de Belo Horizonte, naquela época **não se chamava shopping center, era galeria**. Tinham as grandes galerias em São Paulo, a Galeria Copacabana e aqui a Galeria Ouvidor foi o maior sucesso e o primeiro grande *shopping*. O centro e a galeria **foi o point de Belo Horizonte** durante muito tempo (E04).

Em sequência, os entrevistados 30 e 04 apresentam aspectos discursivos que remetem aos primeiros dez anos da galeria na década de setenta. É possível destacar que, para os entrevistados, a galeria se assemelha ao que hoje é conhecido como *shopping center*. A cidade de Belo Horizonte aparece como personagem de destaque para a Galeria do Ouvidor, podendo ser comparada a galerias existentes nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro (de Copacabana), também personagens no fragmento 05. Após isso, opta-se por enunciar os personagens “centro” e “galeria” como personagens para explicitar por meio do pretérito perfeito do indicativo “foi” a importância no cotidiano social da cidade no passado.

(06) Eu cresci em **Belo Horizonte** já sabendo, já conhecendo onde é a **Galeria do Ouvidor**, sempre usando a Galeria do Ouvidor como **referência**, e exatamente este foi o **motivo** da minha escolha para me estabelecer aqui (E35).

No fragmento 06, enunciado por um lojista, opta-se por recorrer ao interdiscurso do crescimento que ocorreu em Belo Horizonte para conectar a personagem Galeria do Ouvidor como elemento do cotidiano da cidade, destacado pelas expressões “já sabendo”, “já conhecendo” e “sempre usando”. Isso ocorre para que o entrevistado 35 chegue a sua real intenção no discurso que é a de transmitir a importância da galeria para a cidade, por meio do lexema “referência” e justificar sua escolha de local de comércio, destacado pelo lexema “motivo”. Assim, a galeria carregou consigo, desde muito tempo, o rótulo de referência comercial da capital mineira, um espaço comercial importante para a cidade de Belo Horizonte. Tal questão converge com Venturini (2009) quando evidencia lugares urbanos significativos em que as experiências vividas se sobrepõem ao simples consumismo. Outras justificativas para a escolha da galeria como local de trabalho são relatadas nos trechos a seguir.

(07) O motivo principal de me estabelecer na Galeria do Ouvidor foi exatamente a **facilidade de localização, estar no centro** de Belo Horizonte, ser muito **conhecido no mercado** e também **estar próximo a rodoviária** de Belo Horizonte e **em volta de todo o comércio** de Belo Horizonte. Que o nosso público alvo aqui é o interior de Minas, e todo mundo normalmente chega pela rodoviária, e a proximidade da rodoviária isto também nos motivou. As pessoas da rodoviária já procuram a Galeria do Ouvidor por já achar tudo aqui, tipo o Mercado Central. “Vou na Galeria do Ouvidor porque lá você acha tudo”, a pessoa vem do interior e desce na rodoviária e vem a pé se quiser até aqui (E35).

(08) O pessoal gosta da **localização**. Porque **toda linha de ônibus passa aqui** no centro, ela tá muito bem localizada, e o movimento daqui da galeria **é movimento de rua**, então o cara vem de qualquer lugar e dá pra passar na galeria do ouvidor (E29).

Os fragmentos 07 e 08 utilizam o percurso semântico a partir do tema localização como fator fundamental para os comércios do local. As justificativas utilizadas pelos entrevistados, partindo do personagem Belo Horizonte, são explícitas nos trechos “estar no centro”, “Um lugar de movimento”: *a trajetória histórica das apropriações dos espaços da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte (MG)*

“conhecido no mercado”, “próximo a rodoviária”, “envolta de todo o comércio”, “toda linha de ônibus passa aqui” e “movimento de rua”. Dessa forma, o intenso fluxo de pedestres, a facilidade de acesso ao transporte público não somente dos moradores da capital, como do interior, deixa explícito o percurso semântico da galeria do ouvidor como espaço popular que envolve os pedestres que andam de ônibus ou a pé pela região. Ademais, os fragmentos corroboram a noção de cidade fluída, movimentada e habitada na qual Honorato e Saraiva (2016, 2017) disseram. Nesses espaços, a cidade ultrapassa a noção de estática para alcançar um estado vivo, de mutável sobreposto de inúmeras possibilidades.

(09) Esse andar aí de cima [o quarto andar] **foi feito sem planta aprovada**, que quando eu comprei lojas aqui na mão do Mourão eu era no terceiro andar, nós **gastamos uma nota preta na prefeitura para regularizar** o terceiro e quarto pavimento. Isso era muito comum na época, você construía um prédio e de repente em cima fazia uma laje e outra cobertura, e ficava sem registro na prefeitura. [...] **Naquela época**, quarenta e tantos anos atrás, não havia esse controle que tem hoje, então **esse prédio era pra ter quatro pavimentos**, três comerciais, um de funcionamento ou talvez para caminhões, entendeu?! Era o da [Rua] Curitiba. **Mas eles transformaram aquele pavimento em lojas e construiu o terceiro e quarto para salas** (E02).

Ao narrar sobre o tema da estrutura, explícito no uso dos lexemas “andar”, “planta”, “pavimento”, “prédio”, “laje”, “cobertura” e “construiu”, o entrevistado 02 recria em seu percurso semântico o processo que torna a Galeria do Ouvidor próxima a forma atual. Desse modo, o entrevistado opta em seu percurso semântico por lembrar que um dos andares não possui planejamento arquitetônico regular, explícito no trecho “foi feito sem planta aprovada”. Logo após, recorre a estratégia semântica de lembrar a compra de suas lojas para relatar as dificuldades que ocorreram na regularização dos pavimentos de forma coletiva, explícito no uso da primeira pessoa do plural “nós” e no uso da expressão metafórica “nota preta”. O entrevistado recorre novamente ao passado ao utilizar a expressão “naquela época” para afirmar a inexistência de controle nas construções civis e afirmar que por isso a estrutura era para ser diferente do que é hoje. Com a brecha na legislação, o entrevistado relata a partir do uso da conjunção adversativa “mas” para afirmar a expansão no número de lojas e salas, aumentando o número de pessoas que circulam no local à trabalho ou à procura de bens e serviços.

Os anos setenta foram palco de grandes transformações ocorridas nos espaços da Galeria do Ouvidor. Até essa época, quase nenhuma sala era ocupada no terceiro e quarto andar da galeria. Entretanto, devido à grande circulação de pessoas e a demanda por novos negócios pelos comerciantes, a administração da Ouvidor, embora resistente em anos atrás, viu a necessidade de incorporar o espaço do terceiro e quarto andar ao cotidiano das exposições comerciais, como ocorria nos pisos inferiores.

(10) Aqui no terceiro e quarto andar. [...] **era proibido os comércios aqui em cima**. Não podia loja aqui em cima, a convenção do condomínio não permitia. Mas, com o aumento do movimento as lojas começaram a subir para o terceiro andar. Afinal, aqui era um ponto comercial, um lugar de vendas e não de salas fechadas. **Um lugar de movimento** (E21).

(11) Foi acontecendo, **foi chegando muita gente, muito concorrente eu fui subindo**. Fui sendo promovido, né? Fui subindo (risos) (E18).

(12) Aqui é o seguinte, quando eu cheguei, nos anos setenta [...] teve gente que chegou em mim e falou: “você é louco, vender coisas no terceiro andar, só tem fantasmas aí”. E isto aqui não tinha nada, aqui era depósitos fechados, e aqui praticamente **não tinha este andar, comercialmente ele não existia** (E12).

Dessa forma, os fragmentos 10, 11 e 12 evidenciam a exploração daquele espaço comercial, que pela sua importância econômica e social, precisava ser modificado, inclusive em termos da convenção de condomínio. Os relatos 10 e 11 descrevem também um movimento que ocorre ainda hoje na galeria: da alteração pelos lojistas dos seus pontos comerciais de andares inferiores para os mais superiores. Este movimento ocorre pelo fato de o aluguel ficar muito caro e o lojista se vê obrigado a mudar de piso para pagar um aluguel mais barato. Nos anos setenta, os lojistas foram subindo para os andares que ainda estavam sem ocupação comercial. Hoje, eles buscariam o primeiro ou quarto andar, os quais possuem um aluguel de menor valor. Além disso, destaca-se no trecho 12 a afirmação de que, no início dos anos setenta, os espaços do terceiro andar eram ocupados por “fantasmas” e pelos “depósitos” de mercadorias de lojistas do primeiro e segundo andar. Todavia, com o passar dos anos, os donos dessas salas inexploradas e a administração da Ouvidor alugaram esses espaços, como explícito pelo entrevistado 21 no fragmento “Afinal, aqui era um ponto comercial, um lugar de vendas e não de salas fechadas. Um lugar de movimento”. Nesse sentido, quando ressalta o espaço como lugar movimentado, ele está delineando as sociabilidades envolvidas Ouvidor, coincidindo com uma das temáticas atuais de estudo das cidades segundo contribuição de Saraiva (2019).

Dando continuidade, há, nos anos 1980, a inauguração do primeiro *shopping center* de Belo Horizonte, o *BH Shopping*. Isso fez com que ocorresse uma movimentação em termos de redistribuição de lugar/território na capital. Se o centro da cidade era antes o “*point*” e a Galeria do Ouvidor era um dos lugares de maiores prestígios, como explícito no fragmento 05, agora o “*point*” passa a ser um espaço que não se localiza no centro da cidade. É importante destacarmos essa mudança de eixo, pois a elite social da cidade que frequentava a Ouvidor, como nos disseram os ouvidorenses, direciona-se então para o *BH Shopping*, em outro bairro, na saída de Belo Horizonte para a cidade do Rio de Janeiro. De Certeau (1994) já chamava a atenção para o pertencimento de cada grupo social nos espaços, sejam eles físicos ou simbólicos.

(13) **Com os *Shopping Centers***, que começaram a surgir no final da década de 70 e início da década de 80, **a galeria começou a declinar** no setor de confecções. **Mas aí a galeria é muito versátil, ela começou a crescer em outros setores** de folhados, prata, semi-jóias, os consertos de roupas permaneceram, a tradição das lanchonetes também (E11).

(14) Antigamente era mais roupa fina. Foram os jogadores, **o pessoal vinha todo desfilar aqui e tudo e era o auge**, porque ela foi o primeiro tipo *shopping* de BH e **hoje ela é mais popular** (E13).

Os fragmentos acima utilizam como percurso semântico a mudança que ocorreu na galeria na década de oitenta. Destaca-se no fragmento 13 a reifica a galeria enquanto personagem principal, utilizando o adjetivo “versátil” para caracterizar o espaço e, em uma tentativa de sobreviver enquanto espaço coisificado, vivo, busca como alternativa econômica a exploração de outros objetos, explícito no trecho “começou a crescer em outros setores”. Outro aspecto destacado no fragmento discursivo 14 é o relato do entrevistado em que diz que as pessoas também frequentavam a galeria para se expor: “o pessoal vinha todo desfilar”. Nesse sentido, não só as mercadorias ficavam em exposições universais, como também as pessoas que visitavam a Ouvidor para se ostentar, o que faz com que o espaço ultrapasse sua delimitação física e seja caracterizado em um sistema que não dissocia objetos dispostos no local e as ações dos sujeitos, assim como colocado anteriormente por Santos (1987).

Contrariamente ao *flâneur* benjaminiano, que vagueia pelas ruas sem ser visto, na galeria, as pessoas iam para serem vistas. O espaço era de modernidade, frequentado pela elite e agora também da classe média, dos jovens de classe média e dos novos talentos de jogadores de futebol, como destacado pelo entrevistado 13.

O entrevistado 13, após lembrar os acontecimentos que definiu pelo lexema “auge”, opta por associar os tempos passados positivos aos *shoppings* e, com a atual caracterização popular, assimilar negativamente o espaço com as ruas ao utilizar a expressão “mais popular”, deixando implícito no discurso que em algum momento o local já foi menos popular, e por isso, mais próximos ao que são atualmente os *shoppings*. Esses locais como construções artificiais já tinham sido foco na discussão de Limena (2001) e de Venturini (2009) afirmando que neles as vivências e as sociabilidades são renegadas à ótica do consumo, sendo locais ilusórios que abafam experiências. Dessa forma, o vocábulo “popular” estaria também conectado ao sentido de movimento da cidade, sendo a Ouvidor um espaço que possibilita sociabilidades e práticas sociais partilhadas (IPIRANGA, 2016).

(15) Aqui **poderia ter uma estrutura melhor**, escada rolante até o quarto. Acesso para o deficiente melhor, porque só tem rampa então o deficiente ele passa muita dificuldade, porque os nossos dois elevadores eles são de carga, durante a manhã, então, as vezes eles o deficiente fica lá embaixo esperando horas e horas para subir. Então falta isto e falta banheiro porque tem pouco banheiro. Então é assim, **faltam coisas** (E12).

(16) A **estrutura** aqui pensando bem é **bem antiga e ultrapassada** mesmo. Mas é um **problema** que não tem como ser solucionado, aqui você não tem como colocar uma escada anti-incêndio, por exemplo, uma saída de emergência porque isto aqui realmente não tem solução para isto, porque os prédios daquela época não era exigido (E11).

(17) O que pode melhorar na galeria? Só mesmo com os investimentos, a gente faz melhorias tipo uma maquiagem, por exemplo, é piso. Agora as **dificuldades aqui são realmente estruturais e de difícil solução** que seria o que aquisição de área lateral para tentar colocar elevadores para carga (E27).

Nos dias de hoje, a galeria é caracterizada pelos ouvidorenses com pontos depreciativos, ressaltando as dificuldades destacadas nos lexemas “antigo” e “ultrapassada”, diferente do seu auge nos anos 1960 e 1970, na qual era novidade devido ao advento das primeiras escadas rolantes em Belo Horizonte. Assim, a galeria fora importante para a modificação da cidade, no qual desfilavam a elite belorizontina, as famílias e os jovens. Porém, a capital mineira foi mudando, e os ouvidorenses até se atualizaram em termos de mercadorias a oferecer. Contudo, para os entrevistados 12, 11 e 27, pouco investimento foi dado à estrutura da Ouvidor, relatando problemas que passam pelo acesso de pessoas com deficiência física, problemas estruturais como uma saída de emergência e a implantação de elevadores para o público. Nesse sentido, faltam atualizações e reformas significativas no espaço físico do local, esbarrando na limitação arquitetônica que não comporta os reparos necessários.

(18) Você fala onde é que você trabalha, na Galeria do Ouvidor, **todo mundo já sabe onde é**. É um sucesso (E15).

(19) É um **ponto turístico** de sucesso, o pessoal vem no final de semana e vem em Belo Horizonte e vem ainda na galeria (E45).

(20) Ganha do *shopping*, aqui eles encontram desde material para fazer artesanato, aqui tem bijuteria. Então o pessoal já vem direto porque sabe que **aqui vai encontrar a maioria das coisas** (E22).

Todavia, mesmo com as carências relatadas sobre sua estrutura, os fragmentos 18, 19 e 20 nos revelam a atual importância da galeria que, por sua legitimidade, ainda confere certo reconhecimento a quem trabalha lá, seja empregado ou dono de negócio. E assim como afirmam Saraiva e Carrieri (2012), o que faz a galeria é muito mais que sua delimitação física, mas seu

povo, sendo nesse caso, os trabalhadores e empresários do local. De acordo com os entrevistados, a Ouvidor, além de ser um ponto de compras que “ganha do *shopping*”, é também um espaço turístico da cidade que, nos finais de semana, ainda continua recebendo visitas de pessoas de várias localidades. É importante ressaltarmos aqui a ideia de que, tanto nos anos iniciais da galeria (fragmentos 01, 02 e 03) quanto na atualidade (fragmentos 18, 19 e 20), as pessoas continuam a visitar a Ouvidor com a finalidade de realizar compras e sociabilização. Além disso, o vocábulo “sucesso” ainda está presente nas narrativas dos entrevistados, desde aqueles que referenciam o começo da história da galeria, como os que falam sobre o tempo atual.

Por fim, podemos observar uma galeria atualizada no que diz respeito ao seu espaço comercial. A fim de atender a demanda diversificada de seu público consumidor e de fazer com que suas organizações sobrevivam em um mercado competitivo (principalmente em relação aos *shoppings centers* e outras galerias presentes em Belo Horizonte), os ouvidorenses (re)criam diariamente estratégias de negócios para permanecer com o espaço comercial no mercado. Exatamente como colocado por Lynch (1960), as construções espaciais realizadas permitem uma reutilização nos espaços da cidade. Essas espacialidades dão significado uso político, histórico, e nesse caso, econômico aos espaços.

(21) **A galeria passou por diversas fases na comercialização de produtos.** Ouro, confeccções, folhados, bijuterias. [...] eu já estava estabelecido aqui na galeria. Eu acompanhei muito este movimento. Eu tinha que acompanhar para poder sobreviver (E39).

(22) **A *sex shop* hoje é moda no Brasil.** Só pra uma exemplificação, o público que se direciona ao *sexshop*, hoje, setenta por cento é feminino, né. Então já se aceita hoje as fantasias sexuais, outras situações mais direcionadas para o sexo, que certamente tem nesse comércio. **Todos os empresários aqui dentro, tradicionais, de mais idade maior, ele sente um pouco, pode-se dizer que ele se sentiu constrangido** (E60).

(23) Agora *sex shop* é mais uma **modalidade do mercado atual** (E08).

(24) A loja **tem que manter discrição.** Ela tá aqui no cantinho... **A discrição não é só no espaço da galeria,** é na vitrine e na arrumação da loja. [...] Assim, as clientes não ficam constrangidas, com vergonha de comprar (E49).

Destaca-se o percurso semântico que reflete as alterações nos mercados da cidade, explícito no fragmento “a galeria passou por diversas fases na comercialização de produtos”. O surgimento de *sex shops* na galeria enquanto tendência, moda, ou como narra o entrevistado 08, uma “modalidade de mercado atual”, que atualiza a Ouvidor ao novo século. Porém, mesmo buscando evidenciar a modernidade e acatar a diversidade na demanda da sociedade, as *sex shops* ocupam espaços mais discretos, como o quarto andar e os espaços de canto. O fragmento 22 deixa explícito que os próprios empresários não se sentem à vontade com a presença desse tipo de comércio, destacado pelo lexema “constrangido”. Desta maneira, a discrição desses comércios no espaço ocorre também na vitrine e na arrumação dos espaços internos, na arrumação da mercadoria e no atendimento.

O comércio de produtos diferentes dos comercializados nos primeiros anos do local revela, como dito por Nogueira (1998), a riqueza existente na busca por compreender as alterações nos espaços das cidades, bem como a ambiguidade que perpassa suas existências. A Galeria do Ouvidor, mais do que nunca, se caracteriza como exemplo dessas alterações passando do *point* de encontro da elite da cidade à centro de comércio popular. Talvez isso só seja possível pelo caráter dialógico, mutável, construído e reinventado que a cidade possui. Exatamente como Benjamin (2006) nos chama atenção, a cidade é repleta de fissuras e fragmentações e não seria diferente com os espaços que a compõe. Esse movimento de

reconhecimento das diversas intermitências dos saberes sociais foram possíveis a partir de uma abordagem histórica, que permitiu a fuga de concepções homogêneas e totalizantes (BARROS; CARRIERI, 2015). Nesse sentido, presentes as diversas descontinuidades e adaptações do espaço, é possível falar não de uma Galeria do Ouvidor, mas de várias Galerias do Ouvidor presentes em diversos espaços de tempo. Nesse sentido, busca-se contrapor quaisquer tipos de narrativas que buscam falar da existência de uma história linear e oficial sobre esse lugar (COSTA; BARROS; MARTINS, 2010).

6 Considerações finais

Devido à importância da Galeria do Ouvidor como um dos maiores espaços institucionais de agrupamentos de negócios em Belo Horizonte e a necessidade de evidenciar as histórias desses espaços de passagens que ainda são objetos de investigação pouco explorados pelos Estudos Organizacionais, objetivamos com essa pesquisa compreender a trajetória histórica das apropriações dos espaços da Galeria do Ouvidor, em Belo Horizonte, pelos comerciantes que a ocupam. Por meio de observações sistemáticas e da Análise Linguística do Discurso de narrativas de história oral temáticas, foi possível explorarmos as diversas maneiras em que o espaço da galeria foi apropriado por esses atores desde a sua construção, bem como salientarmos as relações sociais e simbólicas estabelecidas.

Podemos compreender que as relações sociais e simbólicas estabelecidas no espaço da Galeria do Ouvidor desde a sua construção até os dias atuais não são estáticas, ao contrário, são caracterizadas por uma dinamicidade de sentidos, percepções, movimentos e apropriações. Aos poucos, os ouvidorenses acabam por (re)construir e (re)apropriar os espaços da galeria, distantes de serem considerados como simples passagens. Nesse sentido, as diversas rupturas, suas múltiplas inconstâncias e adaptações, longe de uma tratativa linear do tempo, permite que possamos destacar não uma Galeria do Ouvidor, mas de várias, mutáveis e (re)reproduzidas ao decorrer dos anos. No cotidiano da Ouvidor, as pessoas foram ocupando os andares que serviam de depósitos e eram usados por “fantasmas”, espaços estes hoje que são considerados movimentados. Além disso, durante muito tempo a galeria foi considerada um espaço de referência comercial e aglutinador para Belo Horizonte, devido, sobretudo, a sua localização privilegiada e a novidade, na época, das escadas rolantes na capital, o que atraiu visitantes de várias regiões e a figurou como um dos principais pontos turísticos e “*point*” de sociabilidade na cidade.

Apesar de pouco se ter investido em sua infraestrutura, o que torna este espaço “ultrapassado”, como nos disseram os entrevistados, os ouvidorenses evidenciam que a Galeria ainda é lugar de destaque e de grande relevância para a capital mineira. Por isso, eles buscam se atualizar acerca de seus negócios instalados, suas mercadorias e seus públicos. Como há uma gama de produtos e pessoas que se relacionam em seu interior, a Ouvidor ainda hoje representa um pouco do que é Belo Horizonte, sendo caracterizada pelos ouvidorenses, então, como uma cidade dentro da cidade. Dessa forma, este estudo oportunizou compreendermos as diversas apropriações de um espaço marcado pela história, incrustado de memória urbana, e que representa um possível confronto entre as velhas e novas práticas, entre os antigos negócios (setor de confecções) e os mais atuais (*sex shops*).

Contribuímos para a temática de cidades nos Estudos Organizacionais a partir das diretrizes de autores como Saraiva (2019) e Mac-Allister (2019) ao adicionar o elemento histórico nessas discussões. Tratar de um espaço que foi sendo apropriado e reapropriado em diferentes décadas nos permite pensar a dinamicidade envolvida nos espaços das cidades que permanecem ainda hoje em funcionamento. No caso desse trabalho, um espaço comercial em que seu aspecto físico e simbólico foi sendo alterado ao longo do tempo, se confundindo com a própria história de Belo Horizonte.

Reiteramos ainda a relevância do estudo ao refletir e discutir sobre a história de um espaço pelo ponto de vista dos próprios sujeitos, praticantes e ocupantes desses diversos lugares. Assim, buscamos contrapor as narrativas que buscam recontar a história do local sob o ponto de vista dito oficial, destacando as múltiplas vivências, significações, interações e construções realizadas por sujeitos comuns e que permanecem à margem nos estudos sobre gestão. Estudar esse espaço possibilitou que refletíssemos sobre as diversas formas de utilização de locais que, sob um ponto de vista instrumental, seriam considerados decadentes e inutilizáveis. Estudar a Galeria do Ouvidor no contexto da cidade de Belo Horizonte permitiu ainda demonstrar a importância de formas populares de organização, que a partir da ação humana, alteram seus usos, seus conceitos e seus objetivos, permitindo a construção de novos saberes, singulares e populares.

Por fim, propomos para investigações posteriores a utilização da abordagem da pesquisa histórica em Administração nos estudos sobre os espaços físicos e simbólicos, a fim de que haja um resgate histórico que abranja as diversas intermitências de espaços tradicionais das cidades. Além disso, sugerimos a análise da apropriação de outros espaços belorizontinos, desde galerias menores ou até mesmo menos conhecidas, como por exemplo a Galeria do Rock, o Mercado Novo e até mesmo o Mercado Central, que são organizações de referência para a capital mineira.

Referências

ALBANO, C.; LEMOS, C. B.; WERNECK, N. D.; MENICUCCI, T. G. A cidade na Praça: poder, memória, liberdade. **Reunião do GT Estudos Urbanos**: representações e políticas públicas. Águas de São Pedro/SP, 24-26, 1984.

ALEIXO, C. A. P. **Edifícios e galerias comerciais: arquitetura e comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60**. 2005. 268p. Dissertação de mestrado - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005.

ANDRADE, M. C. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

AUGÈ, M. **Não Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. **Revista de Administração de Empresas**, v.55, n.2, p.151-161, 2015.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte, São Paulo: UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENDER, T. Theory, experience, and the motion of history. **Rethinking History**, v.11, n.4, p. 495-500, 2007.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução a análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

BUCK-MORSS, S. **Dialética do Olhar**: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens. Belo Horizonte: UFMG - Humanitas, 2002.

CARR, D. Commentary on ‘placing the past: ‘groundwork’ for a spatial theory of history’. **Rethinking History**, v.11, n.4, p. 501-505, 2007.

COIMBRA, K. E. R.; SARAIVA, L. A. S. Territorialidade em uma organização-cidade: o Movimento Quarteirão do Soul. **Gestão & Regionalidade**, v. 29, n. 86, p. 34-46, 2013.

CORRÊA, R. L. **Território**: globalização e fragmentação, v. 2, p. 251-256, 1996.

COSTA, A. S. M.; BARROS, D. F.; MARTINS, P. E. M. Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 3, 2010.

CHIZZOTTI, A. O cotidiano e as pesquisas em educação. In: FAZENDA, I. (Org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2004.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ETHINGTON, P. K. Placing the past: ‘groundwork’ for a spatial theory of history. **Rethinking History**, v.11, n.4, p. 465-493, 2007.

FERREIRA, F. V. Potencialidades da análise histórica nos Estudos Organizacionais brasileiros. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 1, 2010.

GEIGER, P. P. Des-territorialização e espacialização. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 6ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GUERRA, L. C. O. **Imagens de um território urbano: a Feira de Arte e Artesanato de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

HONORATO, B. E. F.; SARAIVA, L. A. S. Cidade, população em situação de rua e Estudos Organizacionais. **Desenvolvimento em Questão**, ano 14, v. 36, p. 158-186, 2016.

HONORATO, B. E. F.; SARAIVA, L. A. S. Quando a casa é a marquise, o albergue, a rua: discursos e políticas sociais para pessoas em situação de rua em Belo Horizonte. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 9, n. 4, p. 244-253, 2017.

IPIRANGA, A. S. R. A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 1, p. 65-91, 2009.

IPIRANGA, A. S. R. Práticas culturais de espaços urbanos e o organizar estético: uma proposta de estudo. **Revista Interdisciplinar De Gestão Social**, v. 5, n. 2, p. 105-123, 2016.

JAYME, J. G.; NEVES, M. A. Cidade e espaço público: política de revitalização urbana em Belo Horizonte. **Caderno CRH**, v.23, n. 60, p. 605-617, 2010.

JOAQUIM, N.; CARRIERI, A. P. Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. **Organizações e Sociedade**, v. 25, n. 85, p. 303-319, 2018.

LEVIGARD, Y. E.; BARBOSA, R. M. Incertezas e cotidiano: uma breve reflexão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 62, n. 5, p. 84-89, 2010.

LEFEBVRE H. **La production de l'espace**, Paris, Ed anthropos, 1974.

LIMENA, M. M. C. Cidades complexas do século XXI: ciência, técnica e arte. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 37-44, 2001.

LOPES, S. C. P. A história do comércio varejista de Belo Horizonte. **Varejo em Perspectiva**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 10-24, 2002.

LYNCH, K. **The image of the city**. MIT press, 1960.

MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: UNICAMP, 2000.

MAC-ALLISTER, M. A cidade no campo dos Estudos Organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 11, n. especial, p. 171-181, 2004.

MAC-ALLISTER, M. Para além de Organização-Cidade: OrganiCidade. **Cidades e estudos organizacionais: um debate necessário**. SARAIVA, L. A. S; ENOQUE, A. G. (orgs). Ituiutaba: Barlavento, 2019, p.75-104.

MARQUES, B. S. Reflexão em torno dos conceitos de lugar, povoação e aglomerado populacional. **Revista da Faculdade de Letras - Geografia**, n. 1, p. 89-110, 1985.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual da história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MENDES, L.; CAVEDON, N. R. "Território como ordem e caos": relações de poder entre camelôs, poder público e comerciantes. **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, v. 12, n. 1, p. 15-26, 2015.

NOGUEIRA M. A. L.: A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, v. 1, p. 115-123, 1998.

PIRES, A. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

REY, F. G. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

ROUANET, S. P. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? **Revista USP**. Dossiê Walter Benjamin, São Paulo, n. 15, p. 49-72, 1992.

SANTOS, J. V. P. D.; CARRIERI, A. P.; PEREIRA, V. F.; MARTINS, T. S. Pesquisa Histórica em Administração: A (Re)Construção Identitária da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte (MG). **Revista de Ciências da Administração**, v. 18, n. 46, p. 9-22, 2016.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SARAIVA, L. A. S. **Mercantilização da cultura e dinâmica simbólica local**: a indústria cultural em Itabira, Minas Gerais (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SARAIVA, L. A. S. Os Estudos Organizacionais e as Cidades. **Cidades e estudos organizacionais**: um debate necessário. SARAIVA, L. A. S.; ENOQUE, A. G. (orgs). Ituiutaba: Barlavento, 2019, p.21-74.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso, **Revista de Administração Pública**, v. 26, n. 2, p. 547-576, 2012.

SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna**: Intelectuais, Arte e Videocultura na Argentina. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SOUZA, M. M. P.; CARRIERI, A. P. A análise do discurso em estudos organizacionais. In: SOUZA, E. M. **Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional**: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: EDUFES, 2014.

TRIVIÑOS, A. R. S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**: Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VENTURINI, E. A cidade dos outros. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n.2, p.203-222, 2009.